



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

RAYSSA SOARES DE BRITO

**O INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DE INFLUENCIADORES DIGITAIS
SURDOS NO INSTAGRAM: UM ESTÍMULO POSSÍVEL**

Brasília

2025

RAYSSA SOARES DE BRITO

Matrícula: 211042274

**O INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DE INFLUENCIADORES DIGITAIS
SURDOS NO INSTAGRAM: UM ESTÍMULO POSSÍVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Língua de Sinais
do Brasil e Português como Segunda Língua da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fabiane Elias Pagy



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA - PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA

O INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DE INFLUENCIADORES DIGITAIS
SURDOS NO INSTAGRAM: UM ESTÍMULO POSSÍVEL

Discente: Rayssa Soares de Brito ¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiane Elias Pagy²

Resumo

A língua portuguesa, em sua modalidade escrita, é a segunda língua de muitos Surdos no Brasil. Porém, ela é uma área que sofre com o pouco estímulo e a escolha de métodos e abordagens inadequadas de ensino a esse público. Este trabalho apresenta contribuições para o campo da literatura com foco nos sujeitos Surdos. O objetivo é o de ponderar se e como o material produzido por produtores de conteúdo digital Surdos pode ser utilizado em sala de aula para facilitar a compreensão da leitura por estudantes Surdos. A pesquisa tem fundamentação em teóricos, como Quadros e Schmiedt (2006), Pereira (2018), Carvalho e Campello (2022) e Garcia e Cabral (2022). Para a coleta e análise dos dados, foram entrevistados, por meio de vídeo chamada, sete Surdos de estados diferentes do país, que representam dois canais literários no Instagram, para entender como iniciou a ideia de criar os perfis e o interesse pela leitura. Por meio desse estudo, foi possível concluir que as contas literárias podem ser ferramentas de incentivo para Surdos e utilizadas nas escolas, uma vez que a informação além de ser transmitida em língua de sinais, também é feita por Surdos que entendem como atrair o público-alvo.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua, da Universidade de Brasília.

² Professora Doutora em Linguística do curso de Licenciatura em Língua de Sinais do Brasil- Português como Segunda Língua, da Universidade de Brasília.

Palavras-chave: Surdos; Português como Segunda Língua; Identidade Surda; Instagram; Representatividade Surda.

INTRODUÇÃO

Surdos sinalizantes (usuários das línguas de sinais) que convivem com a comunidade Surda³ geralmente utilizam o português como uma segunda língua, na modalidade escrita. Devido a isso, enfrentam muitas barreiras impostas pela sociedade, sendo a principal delas a comunicação. As barreiras linguísticas e atitudinais, além das metodologias de ensino, muitas vezes incompatíveis com os perfis visuais dos Surdos, podem causar traumas e aversões à língua oral, e, conseqüentemente, à leitura da língua portuguesa. Este trabalho se faz necessário devido à importância de pesquisar e sugerir novas estratégias de influência de leitura para Surdos, a fim de que possam enxergar essa atividade de uma forma menos rígida e mais prazerosa.

Para tanto, este trabalho está estruturado de maneira sequencial, no qual iniciamos com uma revisão sobre as perspectivas da leitura de acordo com os dispositivos pedagógico e legais sobre o tema. Em seguida, abordamos o ensino de língua portuguesa e a maneira como é realizado este ensino aos Surdos e as suas implicações. Depois, são apresentadas as diversas formas de Identidades Surdas e uma reflexão sobre como essas Identidades influenciam o sujeito Surdo em sua vida. Logo após, explicamos as diferenças entre escolas inclusivas e bilíngues, seguido pela explicação sobre o aumento de produções digitais de pessoas Surdas. Por fim, apresentamos uma pesquisa qualitativa feita com Surdos sinalizantes, leitores, de diversos estados do país, abordando aspectos, características e relevância de canais literários para influenciar a leitura em pessoas Surdas, seguidos de nossas considerações finais.

Utilizamos como metodologia a pesquisa exploratória e de abordagem qualitativa. Segundo Losch, Rambo e Ferreira (2023), a pesquisa exploratória na abordagem qualitativa visa ter um melhor conhecimento sobre o seu contexto.

E para esse tipo de investigação, na área das Ciências Humanas e Sociais, o enfoque qualitativo permite melhor compreensão do comportamento humano e do contexto social. A pesquisa exploratória permite, nesse processo, que o pesquisador contemple os dados qualitativos de forma sistêmica, com uma compreensão ou interpretação detalhada do fenômeno analisado (LOSCH, RAMBO, FERREIRA, 2023, p.3).

O procedimento escolhido foi o de entrevistas por meio de chamada de vídeo, utilizando o aplicativo Teams, devido ao fato de os entrevistados morarem em outras regiões brasileiras. Assim, a coleta e o tratamento dos dados foram realizados em cinco etapas: primeiro realizamos

³ A escolha por usar a palavra Surdo/Surda sempre com “S” maiúsculo se dá devido a uma questão de identidade e empoderamento dos sujeitos Surdos, que se reconhecem dentro de uma comunidade linguística, como abordado por Castro Júnior (2015, p. 11).

a elaboração de um questionário e selecionamos as perguntas mais adequadas para aplicação com os entrevistados. Logo após, as entrevistas foram agendadas e realizadas, de forma individual, com cada entrevistado, de maneira remota. Em seguida, os dados coletados foram compilados e organizados em planilhas, facilitando, assim, a análise do material.

1. A leitura no Brasil

A importância da leitura está registrada em vários documentos, um deles é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que conta com normas sobre o que é essencial no campo de aprendizagem, nas escolas, desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio. O documento aponta que no currículo escolar, para alunos do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, a arte e a literatura devem estar presentes a fim de que os discentes tenham contato com a diversidade e possam valorizar e respeitar as diferenças. Esse conhecimento prevê que os alunos terão novas formas de pensamento, sentimento, ação e reação em relação ao que não os é semelhante.

O objetivo do Campo Artístico-Literário na BNCC (2018) é que a leitura esteja mais presente na vida dos estudantes e que eles consigam apreender, interpretar e encontrar sentido para si mesmos a partir do que foi lido. Além disso, no documento é ressaltado que o direito à arte e à literatura fazem parte do acesso aos direitos humanos. Ter acesso à informação e a conhecimentos diversos constituem seres humanos mais críticos e com mais oportunidades de ascensão de vida.

A prática da leitura literária, assim como de outras linguagens, deve ser capaz também de resgatar a historicidade dos textos: produção, circulação e recepção das obras literárias, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, leitores, tempos históricos) e em seus movimentos de manutenção da tradição e de ruptura, suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade (BNCC, 2018, p.523).

O documento também aborda o contato da criança com a literatura. Desde a mais tenra idade os indivíduos despertam a curiosidade pelo novo, quando escutam ou observam as histórias ou textos contados no seio familiar ou na escola. Dessa forma, a criança começa a conhecer a ideia de língua, a imaginação é aguçada e o conhecimento de mundo, ampliado.

Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (BNCC, 2018, p.42).

Já no Ensino Médio, espera-se que haja uma maior exposição do jovem à literatura. É necessário, nesta fase, que eles tenham acesso às literaturas africanas, afro-brasileiras,

indígenas e literatura contemporânea, além de obras da própria literatura brasileira e de língua portuguesa.

[...]tais obras proporcionam o contato com uma linguagem que amplia o repertório linguístico dos jovens e oportuniza novas potencialidades e experimentações de uso da língua, no contato com as ambiguidades da linguagem e seus múltiplos arranjos (BNCC, 2018, p.523).

A BNCC (2018) conclui que, sobre o Campo Artístico Literário:

Por fim destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (BNCC, 2018, p. 139).

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO	
PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica	
Habilidades	Competências específicas
(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.	6
(EM13LP47) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentis, <i>slams</i> etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, <i>playlists</i> comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.	3, 6
(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.	1, 6
(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.	1, 6
(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.	6
(EM13LP51) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.	3

Figura 1: quadro que contém habilidades e competências do Campo Artístico-Literário, presente na BNCC (2018, p. 525)

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO	
PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica	
Habilidades	Competências específicas
(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.	1, 2
(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, <i>vlogs</i> e <i>podcasts</i> literários e artísticos, <i>playlists</i> comentadas, fanzines, e-zines etc.).	1, 3
(EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, <i>fanfics</i> , <i>fanclips</i> etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.	1, 3

Figura 2: continuação do quadro que contém habilidades e competências do Campo Artístico-Literário, presente na BNCC (2018, p. 526)

Outro documento importante é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que é um dispositivo legal que também disserta sobre a leitura nas escolas brasileiras. O documento, atualizado em agosto de 2023, tem artigos que expressam, assim como a BNCC, a necessidade de acesso a diversos tipos de literatura. Na Seção 1- Disposições Gerais, artigo 26, inciso 2, o documento aponta que “Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras ” (LDB, 2023, p.23).

Ademais, é expresso que a leitura durante a trajetória da educação básica é imprescindível para que haja a total consolidação dos direitos dos cidadãos, além de seus desenvolvimentos e objetivos de aprendizagem alcançados.

O texto ainda apresenta que é no Ensino Fundamental que o aluno deve desenvolver o exercício da aprendizagem, tendo, assim, domínio das atividades de leitura, escrita e cálculo, ou seja, elementos básicos e fundamentais que nortearão e acompanharão o indivíduo em toda a trajetória acadêmica e pessoal.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2024) está em sua 6ª edição e tem o objetivo de levantar dados sobre os hábitos de leituras dos brasileiros. Esta foi a primeira vez que o estudo concluiu que a maioria dos entrevistados não leem livros. Além disso, houve uma queda no número de pessoas que acreditam que a escola seja um local de referência para a leitura.

Foram entrevistadas 5.504 pessoas (média de 37 anos), em 208 municípios (são exceção os estados de RO, AC, RR, AP e TO, pois possuem outro método para a análise). O público-alvo é constituído por pessoas brasileiras residentes com 5 anos ou mais, alfabetizadas ou não. O período das entrevistas foi de 30 de abril a 31 de julho de 2024, de forma presencial, em domicílio, com 147 perguntas por meio de um questionário digital.

Para a pesquisa é considerado leitor quem “leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos 3 meses” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2024, p.14).

É importante ressaltar que a pesquisa considera a leitura de livros físicos e em plataformas digitais e não se restringe a qualquer gênero, incluindo, assim, a bíblia, religiosos diversos e livros didáticos. Para 59% dos entrevistados, a biblioteca é um lugar para pesquisar e estudar e 79% dizem que não há bibliotecas comunitárias perto de seus lares. Segundo a pesquisa, 44% das pessoas que se consideram leitoras não frequentam bibliotecas e 68% que não se consideram leitores também não a frequentam.

Outra informação relevante é que 57% dos entrevistados disseram que preferem ler em livros físicos, 22% preferem livros digitais e 27% disseram que gostam de ambos. Os cinco motivos que fizeram os leitores não leem mais, foram: falta de tempo, preferência por outras atividades, não ter paciência para ler, se sentirem muitos cansados para ler e a falta de bibliotecas perto de casa.

A pesquisa foi realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e tem parceria com a Fundação Itaú. Além disso, conta com o patrocínio do Itaú UNIBANCO e com o suporte da Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais (Abrelivros), da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

2. As escolas brasileiras e os Surdos

Embora o Brasil tenha inúmeras línguas e dialetos, a língua portuguesa é a única considerada oficial do país. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2022), há cerca de 250 línguas no Brasil. Isso porque são faladas, no país, línguas de comunidade de imigração, língua de sinais e línguas afro-brasileiras e crioulas. Devido a isso, dependendo do local de residência, a aprendizagem do português se torna indispensável, por ser a língua majoritária.

Segundo Quadros e Schmiedt (2006), muitos professores que ministram aula para Surdos no Ensino Fundamental estão lotados na rede regular, em turmas na qual a língua de ensino é a de sinais, em sala de recurso ou ainda em escolas regulares de Surdos. De acordo com as autoras, geralmente, os professores desses estudantes não são Surdos, além de também não são serem falantes nativos da língua de sinais brasileira, mas, mesmo assim, fazem parte do dia a dia dos Surdos, pois estão em sala de aula com eles, utilizando a língua de sinais na ministração dos conhecimentos.

Desta forma, é importante compreender que, para esses professores, a língua de sinais é a segunda língua e é necessário que compreendam, por meio de anos de estudo e prática, a como utilizá-las no contexto de sala de aula.

Não basta ter um vocabulário enorme de uma língua, a pessoa precisa “entrar” na língua, “viver” a língua para poder ensinar por meio dela. Como isso está em processo, normalmente os professores que trabalham com surdos são modelos de sistemas de interlíngua (QUADROS E SCHMIEDT, 2006, p.9).

Ademais, para as autoras, a educação bilíngue de Surdos⁴ é uma das maneiras de proporcionar o contato com, pelo menos, duas línguas às crianças Surdas. Dessa forma, a escola opta por incluir uma política linguística diferenciada em que as línguas faladas na escola perpassarão os espaços escolares.

Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares. As línguas podem estar permeando as atividades escolares ou serem objetos de estudo em horários específicos dependendo da proposta da escola (QUADROS, SCHMIEDT, 2006, p.18).

A realidade brasileira é muito díspar no contexto educacional, em se tratando da educação para Surdos, isso não é diferente.

Em alguns estados, há escolas bilíngües para surdos em que a língua de instrução é a língua de sinais e a língua portuguesa é ensinada como 2ª língua. Em outros estados, Libras é língua de instrução e o português é ensinado como segunda língua nas salas de aula das turmas das séries iniciais do ensino fundamental. Nas demais séries, a língua portuguesa é a língua de instrução, mas há a presença de intérpretes de língua de sinais nas salas de aula e o ensino de língua portuguesa, como segunda língua para os surdos, realiza-se na sala de recursos (QUADROS, SCHMIEDT, 2006, p.19).

Além disso, segundo as autoras *op cit*, existem realidades em que há o intérprete de Libras junto ao aluno desde o início do processo escolar. Quando isso acontece, muitas vezes, o intérprete tem a sua função desviada para o papel de professor, pois o regente de sala não conhece a cultura e a primeira língua do Surdo sinalizante. Há professores que não compreendem a língua de sinais e a escola não garante a acessibilidade, por vezes por causa da

⁴ A educação bilíngue de Surdos se diferencia de outras modalidades de ensino bilíngües, tema que será melhor abordado na sessão 4.

falta de estrutura. Assim, o direito do aluno de se comunicar e ter acesso à educação e à informação é dificultado.

Independentemente do contexto de cada estado, a educação bilíngüe depende da presença de professores bilíngües. Assim, pensar em ensinar uma segunda língua, pressupõe a existência de uma primeira língua. O professor que assumir esta tarefa estará imbuído da necessidade de aprender a língua brasileira de sinais (QUADROS, SCHMIEDT, 2006, p.19).

3. As Identidades Surdas

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, havia 2,3 milhões de pessoas com algum grau de deficiência auditiva no país, mas, ao contrário do que se possa pensar, a cultura e a Identidade Surda não são únicas, elas exprimem diversidade e representam vivências distintas.

Segundo Perlin (1998), existem sete Identidades Surdas que podem ajudar a entender melhor como os Surdos se enxergam no mundo. São elas: Identidade Surdas (Identidades Políticas); Identidade Surdas Híbridas; Identidade Surda de Transição; Identidade Surda Intermediária ou Incompleta; Identidade Surda Flutuante; Identidade Surda Embaçada e Identidade Surda de Diáspora.

A depender da Identidade⁵ de cada Surdo, a relação dele consigo e com outros é diferenciada. Perlin (1998) explica que a Identidade Surda (Política) se aplica quando o sujeito Surdo se identifica com a cultura visual, com a língua de sinais e considera essa a sua forma de expressão com o mundo. A Identidade Surda Híbrida corresponde àquelas pessoas que nasceram não-Surdas, mas que, posteriormente, adquiriram a surdez por algum motivo e podem transitar, em diferentes níveis, entre as duas línguas: a de sinais e a oral. Alguns que têm essa condição, reconhecem a estrutura da língua portuguesa e enviam mensagens de voz na língua oral, já outros, optam pela língua de sinais na comunicação.

A Identidade Surda de Transição é identificada quando o contato dos Surdos com a comunidade Surda acontece tardiamente. Dessa forma, pode-se perceber uma confusão cultural em sua Identidade. De acordo com Perlin (1998), devido à maioria desses Surdos serem filhos de pais ouvintes, não há o contato com a língua de sinais e com a cultura Surda desde o nascimento e a infância, fato que pode atrasar a des-ouvintização do sujeito Surdo, ou seja, a não mais aceitação de sua Identidade ouvinte.

A Identidade Surda Intermediária ou Incompleta se refere àqueles que possuem algum grau de surdez, mas que têm mais familiaridade com o mundo dos não-Surdos. Eles são adeptos

⁵ Com o objetivo de esclarecer de qual identidade está sendo tratada, optamos por escrever a palavra com a primeira letra sempre maiúscula: Identidade.

aos aparelhos auditivos, mas podem apresentar dificuldade em como se identificar na sociedade quanto à surdez.

A Identidade Surda Flutuante ocorre quando o Surdo não se identifica com a cultura e com a comunidade Surda. Desta forma, opta por utilizar aparelhos auriculares, apresenta resistência à língua de sinais e acolhe a Identidade não-Surda.

A Identidade Surda Embaçada trata da perspectiva deturpada dos ouvintes em relação à comunidade Surda. Dessa forma, sob essa perspectiva, os Surdos são considerados seres sem capacidade de crescimento, o que estereotipa totalmente o sujeito Surdo. Ele não tem contato com a língua de sinais, nem desenvolve a fala, se comunicando, assim, por mímicas. Desta forma, não se sentem parte de nenhuma comunidade.

Ainda segundo Perlin, (1998) há a Identidade Surda de Diáspora em que há a mudança de um grupo para outro, seja uma mudança: de país, estado do Brasil ou até de um grupo para outro. Esses deslocamentos impactam nas Identidades, pois as experiências adquiridas com o meio influenciam nas ações e pensamentos dos indivíduos.

Com os avanços das pesquisas sobre a surdez e as suas comunidades, novas Identidades foram sendo encontradas. Exemplos disso são as citadas por Carvalho e Campelo (2022), como as: Identidade Surdocega, Identidade Surda Unilateral, Identidade Étnica dos Surdos, Identidade Surda Urubu-Ka Apor, Identidade Negra Surda, Identidade Surda com IC (implante coclear) e Identidade Surda com AASI aparelhos de amplificação sonora individual).

A Identidade Surdocega é entendida como uma condição única em que há a perda de audição e visão, podendo ser simultâneas ou em menor ou maior grau. Segundo os autores, ela pode ser congênita ou adquirida. Dependendo do grau da surdez e cegueira, a pessoa pode se adaptar a diversas estratégias de comunicação, como o uso do tadoma ou Libras tátil.

A Identidade Surda Unilateral acontece quando há perda de audição em um dos ouvidos, e, embora possa parecer mais leve que a perda bilateral, ainda pode acarretar questões complexas para o indivíduo. Segundo os autores, “A perda auditiva unilateral pode ser responsável por dificuldades na aprendizagem, alteração de fala e linguagem, além disso, dificuldades sócio emocionais, é atribuída pela diminuição da audição em apenas uma orelha” (CARVALHO E CAMPELLO, 2022, p.149).

A Identidade Étnica dos Surdos diz respeito ao fato de o sujeito se sentir pertencente a uma comunidade, se distanciando do conceito médico que vincula o indivíduo a uma ideia de perda. Logo, ele se vê como pertencente a um grupo que possui sua língua e cultura próprias.

A Identidade Surda Urubu-Ka Apor diz respeito aos Surdos das tribos Urubu-Ka Apor, localizadas no Maranhão. Os grupos, que já existem há mais de 300 anos, foram acometidos por um surto de boubá neonatal, o que resultou na surdez em cerca de 2% da população. Desta forma, foi criada uma língua de sinais sem interferência externa e de forma específica para as suas realidades.

Segundo Lobat (2017) a tribo se tornou bilíngue. Todos dentro da tribo acabava aprendendo a língua oral (ka'apor) e a Língua de Sinais Ka'apor (LSKB). Essa língua

começou a ganhar destaque com o trabalho de linguistas, que puderam estudar o nascimento de uma língua de sinais em uma condição bem específica. No início de suas pesquisas, a linguista Lucinda Ferreira Brito catalogou as línguas de sinais brasileiras seguindo o padrão internacional. Assim, ela descreveu 2 línguas de sinais no Brasil: A Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB) e a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB) (CARVALHO E CAMPELLO, 2022, p.148).

A Identidade Surda Negra, para os autores, é essencial, uma vez que Surdos negros sofrem preconceitos diversos devido à cor de sua pele e à condição da surdez, seja em supermercados, mercado de trabalho, na rua e em diversos locais. Dessa forma, buscando conhecimento sobre a própria Identidade, a pessoa pode construir o seu pensamento sobre si mesma e seu lugar no mundo.

O movimento dos negros surdos continuou em São Paulo e no dia 24 de novembro de 2012, realizou-se o III Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo, que aventou mais uma vez da Inclusão Social (CARVALHO E CAMPELLO, 2022, p.148).

No caso da Identidade Surda com AASI e da Identidade Surda com IC, ambas implicam no uso de um equipamento que auxilia na audição. A primeira trata de haver um aparelho que amplifique o som, os chamados aparelhos de amplificação sonora individual (AASI), normalmente colocados atrás das orelhas, conhecimento popularmente como aparelho auditivo. Já a segunda Identidade ocorre em pessoas que realizam o implante coclear (IC) cirurgicamente, dispositivo conhecido como ouvido biônico. O uso desses aparelhos pode modificar a maneira como o indivíduo se vê e se comporta perante a sociedade que o cerca.

4. Escola Bilíngue X Escola Inclusiva

Muito se fala sobre o modelo de escola ideal para pessoas Surdas. Quando se diz a palavra 'inclusiva', pode parecer que esse tipo de escola seja a mais apropriada, porém, não é o que é defendido por alguns autores. Para Rodrigues e Silva (2010), esse modelo educacional não inclui, de fato, os indivíduos Surdos por não compreender as suas idiossincrasias.

Essa idéia de inclusão parece, a priori, incontestável e adequada. Contudo, ela não considera a especificidade de muitos dos alunos com deficiência. Em relação aos surdos, essa perspectiva inclusiva não reconhece que, grosso modo, por possuírem a língua de sinais e não a língua oral (LO) como língua natural, eles não conseguem, na maioria das vezes, mesmo com a presença de um intérprete, estabelecer e manter relações significativas com o professor e os alunos ouvintes da turma (RODRIGUES E SILVA, 2010, p.3).

A escola bilíngue para Surdos se diferencia de outras escolas bilíngues, pois abarca a cultura de um grupo minoritário que utiliza a modalidade visuoespacial na comunicação. Ao optar por essa modalidade, os alunos Surdos e não-Surdos terão acesso às duas línguas no contexto escolar: a língua oral, que é a oficial do país, na modalidade escrita, e a língua de sinais do país. Segundo Rodrigues e Silva (2010), esse compartilhamento vai muito além da esfera linguística.

É necessário que, no processo de inclusão educacional dos surdos, destaque-se não apenas na questão lingüística, reconhecimento e uso da LS, mas também a sócio-político-cultural. É importante observar que os surdos percebem e vivenciam o mundo por meio do “olhar”. A experiência visual do mundo ocupa um lugar de destaque tanto em relação à linguagem quanto em relação à constituição do sujeito, ou seja, à construção de conhecimentos e/ou referências do surdo sobre si próprio, sobre os outros e sobre a linguagem (RODRIGUES E SILVA, 2010, p.3).

No caso da escola inclusiva, o aluno Surdo tem o contato com a língua de sinais, mas de forma limitada ao que o intérprete está sinalizando. O contato com os outros alunos é imprescindível para o desenvolvimento da linguagem e da personalidade dos indivíduos, porém essa realidade não é vista nesse ambiente, pois a Libras não é difundida de forma ampla. Desta forma, os autores *op cit* concluem que a escola bilíngue abrange muito mais do que o ensino, sendo um novo modo de vida em que as pessoas encontram suas Identidades Surdas.

Portanto, uma educação bilíngüe de surdos seria aquela que supera a simples utilização de duas línguas em momentos diferentes dentro da escola, ou seja, vai além da imposição da língua majoritária ouvinte com sua carga cultural em detrimento da língua natural dos surdos, a qual é vista somente como um instrumento, um meio para se ensinar a língua majoritária, o português (RODRIGUES E SILVA, 2010, p.8).

5. A Produção de Conteúdo Surdo nas Redes

De acordo com o Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br), durante a pandemia da Covid-19, com o início em 2020, aproximadamente 152 milhões de brasileiros tiveram acesso à internet. Com isso, informações que antes demoravam dias ou meses para serem divulgadas e recebidas estão hoje a uma distância de segundos. Essa transformação comunicacional impacta a vida de milhões de pessoas todos os dias, em um mundo globalizado.

Assim como os não-Surdos não sinalizantes, o processo de aceitação das redes sociais pela comunidade Surda não foi diferente. Garcia (2011) afirma que, nos últimos dez anos, houve um crescimento no número de Surdos usuários das redes sociais. Garcia e Cabral (2022)

abordam que os Surdos se apropriaram do ciberespaço com uma visão de produção de temáticas políticas e sociais e representatividade de sua cultura. Por meio da arte, como a poesia, eles começaram a externar suas expressões para o mundo virtual, dando voz a movimentos dos quais são protagonistas.

Garcia e Cabral (2022) afirmam ainda que a diferença entre a produção de conteúdo digital entre Surdos e não-Surdos está na possibilidade de utilizar uma língua gesto-visual como forma de comunicação. Segundo as autoras, esse é um dos poucos espaços em que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) está sendo difundida, chamando cada vez mais a atenção de pessoas não-Surdas que podem vir a se interessar pela língua e pelas temáticas abordadas por esse povo.

Outra área que, recentemente, começou a ser explorada por influenciadores digitais Surdos é a da leitura. Recomendar livros, fazer resenhas e ensinar sinais referentes ao vocabulário da literatura são algumas das atividades que podem ser encontradas em perfis literários em diversas redes sociais, como no Instagram, por exemplo. Além disso, as escolas bilíngues de Surdos têm um papel fundamental na construção do sujeito Surdo sinalizante e também leitor. Segundo Fausto e Braz (2022) as escolas bilíngues se destacam por serem espaços respaldados pelo respeito à cultura dos Surdos e por utilizarem a Libras como a principal língua de ensino em sala de aula. Dessa forma, a língua de sinais é vista como a primeira língua desses indivíduos, enquanto a língua portuguesa na modalidade escrita tem o papel de segunda língua (L2).

Apesar de existirem esses tipos de escola, nem sempre os Surdos vivenciam a educação bilíngue, e isso pode impactar a forma como recebem os conteúdos, principalmente na língua portuguesa. Quando o indivíduo Surdo recebe os conteúdos da mesma maneira que o não-Surdo, sem a devida compreensão de quem ele é, e não considerando suas questões culturais, pode ocorrer a não compreensão da mensagem de maneira eficaz.

Todo esse cenário nos leva a refletir: Mas e se os conteúdos literários produzidos por Surdos e publicados nas plataformas digitais fossem utilizados dentro das escolas?

Pereira (2018) afirma que a leitura tem sido uma “decodificação sem compreensão” por parte dos sujeitos Surdos. Para a autora, isso ocorre devido à falta de entendimento do que se lê, causada pela ausência de conhecimento da língua portuguesa. A autora destaca que:

[...] quanto mais conhecimento de mundo e de língua o leitor tiver, menos ele será dependente da decodificação. Por outro lado, quanto menor for o conhecimento de mundo e de língua, maior será a dificuldade para atribuir sentido ao que lê, até o ponto de o leitor conseguir apenas decodificar sem compreensão (PEREIRA, 2018, p. 138).

Cabe ressaltar que os alunos não-Surdos têm contato com a língua portuguesa, seja escrita ou oral, antes de adentrarem às escolas. Ou seja, os conhecimentos de mundo e o contato diário com pessoas que falam a mesma língua auxiliam no momento da leitura em sala de aula. Para o sujeito Surdo, esse contato é, muitas vezes, limitado. Como não adquirem o hábito da leitura em casa, os Surdos têm o primeiro contato com a língua portuguesa nas escolas inclusivas, que não têm a língua de sinais como prioritária no ensino.

O conhecimento de língua consiste de conhecimento do vocabulário e das regras gramaticais da língua que é usada na escrita. O conhecimento de texto refere-se ao conjunto de noções e de conceitos sobre o texto. O conhecimento prévio torna possível ao leitor fazer previsões e inferências sobre o texto, operações imprescindíveis para a compreensão da leitura (PEREIRA, 2018, p. 141).

Utilizar vídeos e demais ferramentas produzidas por influenciadores digitais nas escolas pode ser uma alternativa diferente para o ensino e o incentivo à leitura. Para Forteski, Oliveira e Valério (2013), é importante que o aluno explore, em sala de aula, diversos gêneros textuais. “Desta maneira, todas as disciplinas têm o compromisso de ensinar a utilizar textos de que fazem uso e o professor é o grande incentivador da leitura e selecionador dos textos que utiliza” (FORTESKI, OLIVEIRA E VALÉRIO, 2013, p. 121).

Para além, de acordo com as autoras, os professores também são promotores e formadores de alunos leitores. Dessa forma, devem buscar estratégias para apresentar a leitura aos alunos, sempre acompanhando seus desafios e compartilhando suas conquistas acadêmicas. Segundo Pereira (2018, p. 141),

A falta de conhecimento prévio talvez seja um dos maiores responsáveis pela decodificação sem compreensão que grande parte dos leitores surdos apresenta. Considerando que a maior parte das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, usuárias da Língua Portuguesa, frequentemente elas não participam das interações comunicativas que acontecem na família, o que resulta no empobrecimento do

conhecimento de mundo. Além disso, no convívio familiar, a maioria das crianças surdas adquire apenas fragmentos da Língua Portuguesa na modalidade oral. Como resultado, é comum que cheguem à escola com pouco conhecimento da Língua Portuguesa e com conhecimento de mundo limitado.

6. Coleta e análise dos dados

Para a parte prática deste trabalho, foram entrevistados integrantes Surdos sinalizantes de dois perfis literários, na rede social Instagram. São eles: ‘Par Literando’, criado em 2021 e ‘Surdes Literáries/ Surdos Literários’, criado em 2023.

As entrevistas foram realizadas de forma virtual, através da plataforma Teams, e participaram: o casal responsável pelo perfil ‘Par Literando’, além de cinco integrantes do perfil ‘Surdes Literáries/ Surdos Literários’. É válido destacar que os dois administradores do perfil ‘Par Literando’ também participam do perfil ‘Surdes Literáries/ Surdos Literários’, mas, para essa pesquisa, responderam apenas sobre o perfil deles.

As idades dos participantes da pesquisa variam entre 28 e 36 anos, e todos residem nas regiões sul ou sudeste, sendo as cidades: São Paulo-SP, Jundiaí-SP, Itajaí-SC, Porto Alegre-RS e Francisco Beltrão-PR.



Figura 3: Imagens ilustrativas do perfil 'Par Literando', no Instagram. Imagens obtidas em 10/02/25.

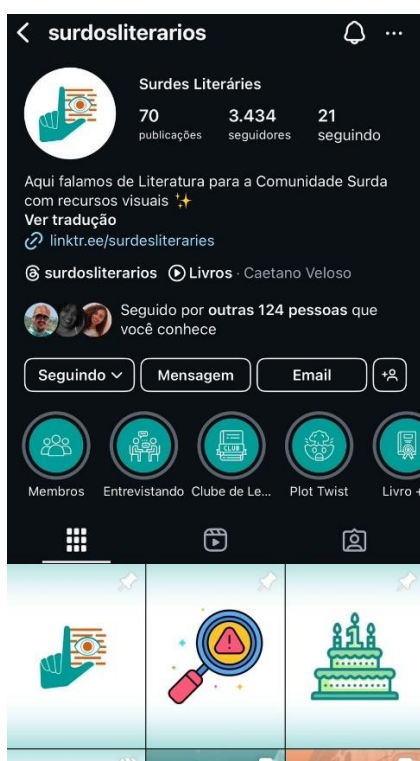


Figura 4: Imagens ilustrativas do perfil 'Surdos Literários/Surdes Literárias', no Instagram. Imagens obtidas em 10/02/25.

Para a coleta dos dados foram realizadas seis entrevistas com sete participantes (uma entrevista com um casal e outras 5 com participantes únicos), entre os dias 27 de novembro a 2 de dezembro de 2024. Todos os participantes utilizaram a língua de sinais, pois, embora, nem todos soubessem dizer com qual Identidade Surda se identificam, todos veem na Libras uma língua de conforto para a comunicação.

Quando perguntados sobre o objetivo dos perfis, foi unânime a resposta de que foram criados para incentivar os Surdos a terem um contato mais próximo com a literatura a partir de referências de pessoas Surdas. Algumas respostas⁶ foram: “Eu acredito que esse trabalho mostra a importância de ter referências Surdas falando sobre livros”; “O objetivo é mostrar que os Surdos também são capazes de ler, só é necessário adaptar melhor isso para o mundo deles”; “O principal objetivo é ajudar para que as pessoas Surdas leiam sobre o que elas mais se identificam”, “Com os Surdos vendo outros Surdos lendo e sendo modelos, é possível acabar com medos e traumas sobre a leitura, além de se conhecerem melhor”.

Em seguida, foi questionado se algum Surdo já havia adquirido algum livro ou se sentiu influenciado a comprar algum material devido às opiniões e sugestões dos perfis. As respostas também foram unânimes em apontar que todos já tiveram a experiência de ter influenciado algum Surdo a ler por meio dos conteúdos publicados. Os participantes relataram o seguinte: “Já tive um feedback pelos comentários, lembro de um Surdo que falou que comprou um livro em quadrinhos devido à dica que dei”; “Fui em uma feira literária e um Surdo veio até mim e disse que comprou um livro por minha causa, me senti emocionado”; “Eu fiz uma Live sobre mangás e alguns Surdos me procuraram para saber sobre como funcionava os volumes dos livros, algumas mães Surdas também me procuraram para saber qual mangá comprar para os filhos, eu me senti feliz”; “Muitos Surdos compram livros depois de verem algum conteúdo e me mandam por *Direct*, me sinto emocionada até porque faltam referências Surdas que motivem outros Surdos a lerem”. Esses comentários positivos inspiram os influenciadores a continuar com as postagens, pois percebem que fazem diferença na vida de outras pessoas.

Quando questionados sobre o surgimento do interesse e do gosto pela leitura, embora a maioria dos entrevistados tenha dito que teve início no ambiente escolar, muitos afirmaram que tiveram iniciativa própria ao irem à biblioteca e procurar informações pelas quais não entendiam, pois havia um ensino muito resumido em sala de aula.

⁶ Destacamos que as falas apresentadas foram feitas na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e que, a título de ilustração, as traduções para a Língua Portuguesa apresentadas foram realizadas por nós.

Como mostrado no gráfico 1, apenas um entrevistado (o mais jovem, com 28 anos) diz ter estudado em uma escola bilíngue. Os entrevistados que só estudaram em escola regular, marcados em azul (42,85%) disseram que eram os únicos Surdos na sala de aula. Já os entrevistados correspondentes à cor laranja (42,85%), estudaram em escola regular e escola de Surdos em momentos distintos ou de forma simultânea, sendo pela manhã em uma escola, e, à tarde, em outra escola.

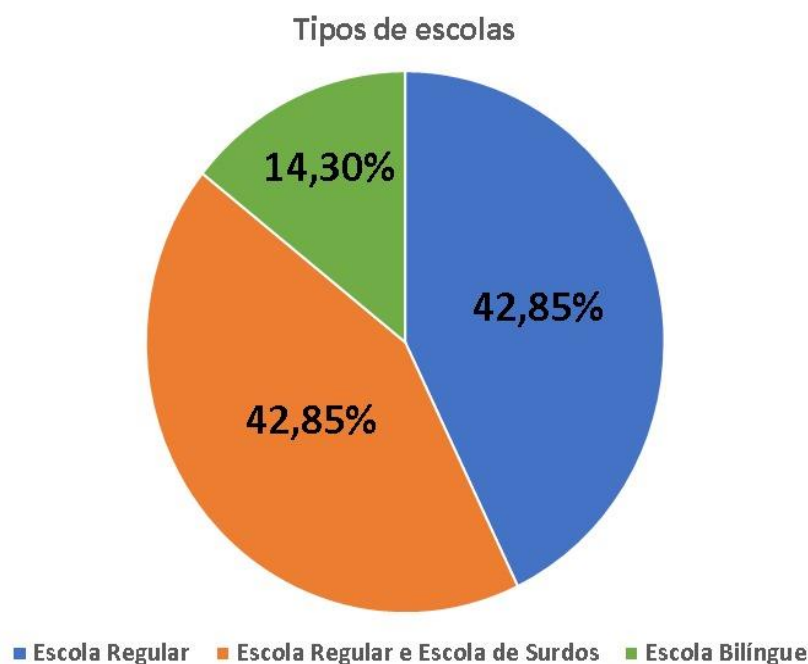


Gráfico 1: Tipo de escola que os participantes frequentaram.

Perguntamos também que tipo de atitudes os professores, em sala de aula, poderiam realizar para incentivar os Surdos a lerem. Como resposta, obtivemos algumas sugestões, tais como: “os docentes devem sempre se atualizar sobre as tendências que acontecem a sua volta”; “trazer ideias de adaptações para a sala de aula, como livros que se tornaram filmes ou vice e versa”; “podem passar vídeos de Surdos falando sobre leitura em sala de aula”; “pedir o resumo do livro em Libras ou de forma escrita se atentando às principais perguntas da obra, como: personagem principal, onde se passava o enredo, a época”; “pedir para o aluno criar histórias de acordo com um livro que ele tenha lido”.

Estas respostas corroboram com as autoras Forteski, Oliveira e Valério (2013), pois como já mencionado anteriormente, elas abordam que o papel do professor é ser um motivador e selecionar os textos que serão utilizados em sala de aula, sendo assim, ele pode despertar a

vontade de ser leitor nos alunos. Alguns entrevistados disseram se lembrar de professores incentivadores durante o período escolar, tendo uma delas dito que, na escola regular, uma professora a presenteava com livros e explicava o conteúdo a ela de forma separada dos outros estudantes, para que pudesse entender melhor. Isso mostra como a ação de um professor pode impactar e ser lembrada por um aluno durante anos de sua vida. Outra pessoa contou que uma vez foi passado um vídeo dela falando sobre livros, no Dia dos Surdos, na escola em que a mãe trabalha. Os alunos ficaram encantados e pediram para que ela gravasse um vídeo especial para eles. Dessa forma, ela se sentiu muito bem e emocionada, pois se viu como uma referência para a futura geração.

Quando perguntados sobre qual livro ou tipo de livro despertou o interesse na leitura, obtivemos respostas muito diversificadas, mas sempre relataram um maior interesse inicial em livros com mais informações visuais. As idades em que esse interesse ocorreu também variaram bastante, como mostra o gráfico 2.

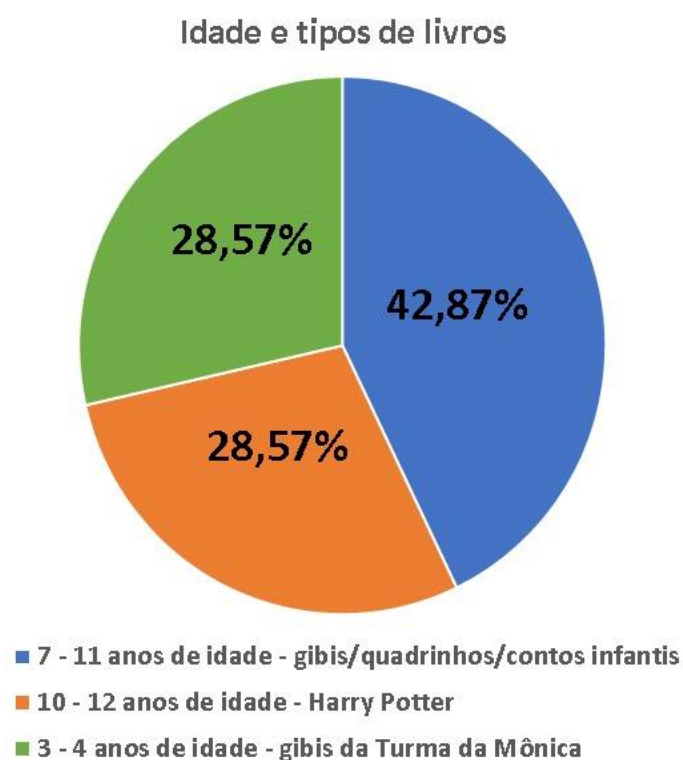


Gráfico 2: idade e tipo de literatura que despertou o interesse na leitura.

Questionados se outros amigos próximos Surdos têm o hábito de ler, todos disseram que não, ou que pouquíssimos leem. É comum haver uma troca literária entre os participantes dos perfis literários e alguns citaram que os familiares (não-Surdos) têm o hábito de leitura e os incentivaram a ler. Ademais, de acordo com os colaboradores, a leitura ajuda a esquecer os problemas e pode ser considerada uma terapia. Segundo eles, as pessoas podem ler por diversos motivos: prazer, reduzir o estresse lendo um romance, “fugir da realidade” com um livro de suspense que cativa o leitor até o fim e para o próprio desenvolvimento intrapessoal. Além disso, foi citado que a partir de novos conhecimentos, é possível aprender diferentes vocábulos e sinônimos. Como uma das participantes afirma, “a troca de informações sobre livros nos ajuda a ampliar o entendimento, pois nos possibilita enxergar novas perspectivas”.

A criação dos canais teve percursos e trajetórias diferentes. Para a criação do perfil ‘Surdes Literáries’, de acordo com seus idealizadores, foi necessária uma preparação de um ano e ele é um projeto voluntário. Ele foi idealizado a partir de uma troca de conversa sobre sinais literários entre alguns integrantes, durante a pandemia da Covid-19, em 2020. Até o momento da entrevista, eram 18 participantes, sendo 9 Surdos produtores de conteúdo. Já o canal ‘Par Literando’ é administrado por um casal de Surdos desde 2021.

Os administradores do ‘Par Literando’ explicaram que gostam de postar sobre conteúdos diferentes que mais se identificam. Hoje eles têm parceria com cinco editoras e, por isso, precisam se organizar para postarem as publicações nos prazos estipulados. Eles contaram que a primeira parceria foi estabelecida em 2023 e ficaram surpresos por terem sido aceitos como produtores literários das empresas. O casal recebe livros das editoras (cada uma tem um sistema diferente de como quer o conteúdo e de prazos) e precisam ler, fazer as resenhas e postar suas avaliações.

Um fator relevante a ser considerado está nas dificuldades e desafios de se manter um perfil literário para pessoas Surdas. Entre os motivos, os participantes citaram o fato de estarem expostos a pessoas mal intencionadas, que criam perfis falsos utilizando o nome do perfil real (fato que aconteceu recentemente); traduzir o conteúdo para Libras de uma forma que o público Surdo entenda a mensagem de forma clara; atingir o público alvo de forma eficiente, principalmente Surdos que tenham a língua de sinais bem mais predominante que a língua portuguesa; e o tempo, pois possuem trabalhos e outras atribuições do dia a dia.

Outrossim, o casal do canal ‘Par Literando’ chamou a atenção ao fato de que precisam gravar em Libras, editar e colocar a legenda em português manualmente a fim de poderem

acessibilizar ao máximo o conteúdo, fato este que não vem de outros produtores de conteúdo não-Surdos, pois eles explicaram que se sentem tristes por não conseguirem acompanhar outros perfis por falta de legenda. A administradora do canal contou a experiência de ter sido chamada para uma reunião, on-line, com uma das editoras, mas que não se sentiu incluída, pois sempre precisava digitar pelo chat e não conseguia entender o debate quando muitas pessoas falavam ao mesmo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas, e, posteriormente, com as análises sobre a leitura, foi possível perceber que não somente muitos Surdos têm o distanciamento da leitura, mas não-Surdos também apresentam essa complexa realidade. Embora a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2024) tenha levantado que houve uma queda no número de brasileiros que acreditam que a escola seja uma referência de leitura, em nossas entrevistas, foi exatamente neste espaço que alguns Surdos se sentiram motivados a ler, principalmente por estarem em contato com as bibliotecas ou terem um professor incentivador. Dessa forma, é preocupante que o ambiente escolar esteja deixando de ser visto como um local para leitura pelos brasileiros.

Após as entrevistas ficou claro que o docente pode, de fato, mudar a perspectiva que o aluno Surdo ou não-Surdo pode ter sobre a leitura. Principalmente no caso do estudante Surdo, a metodologia escolhida para que o discente tenha o contato com a literatura e se sinta incluído em sala de aula, de forma que compreenda as temáticas e seja participante ativo do processo, pode gerar interesse e abrir possibilidades para contatos com novos gêneros literários e novas formas de aprendizado.

Ademais, com o mundo se tornando cada vez mais tecnológico, se faz necessário que os profissionais se atualizem quanto a seus trabalhos e com o professor não é diferente. Após a observação dos conteúdos literários em língua de sinais e o fato de todos os entrevistados terem dito que outros Surdos se sentiram influenciados de alguma forma pelos seus perfis, é possível dizer que os canais literários são novas formas de atrair Surdos e despertar interesse pela leitura. Porém, como os entrevistados demonstraram, estar exposto no ambiente virtual também tem seus pontos negativos.

A internet pode ser benéfica ou danosa ao indivíduo, isso dependerá de fatores internos e externos a ele. Porém, em sala de aula, o docente tem o controle sobre a escolha dos materiais utilizados e pode fazer uso de conteúdos da internet, que ele julgar compatível ao seu ensino, para trazer novos olhares e ampliar os conhecimentos de seus estudantes.

É fundamental que os docentes estejam atualizados não só sobre novidades relacionadas às línguas de trabalho, mas também sobre as produções Surdas que, cada vez mais, têm conseguido espaço nas redes sociais, além de possuírem qualidade e muita pesquisa de Surdos da área de educação. Utilizar esses recursos em sala de aula, além de disseminar conhecimento sobre a literatura, traz representatividade para o espaço escolar, uma vez que os alunos se veem leitores em potencial quando visualizam Surdos produtores de conteúdo literários.

Outrossim, é também importante refletir em como os currículos estão estruturados. De fato, como já apresentado pela BNCC e pela LDB, ter acesso a literaturas de culturas diversas, conhecer os gêneros literários e participar de saraus, feiras e *slam* faz parte do processo de aprendizado. Mas como essas atividades estão sendo desempenhadas com os sujeitos Surdos no âmbito escolar? Abordar esses temas trazendo referências Surdas seria uma maneira de incluir esses alunos nos espaços, tendo como ponto de vista as suas próprias realidades? Utilizar de literaturas cujo os vocabulários sejam muito cultos, rebuscados e distantes do que o Surdo encontra em seu dia a dia pode afastá-lo ainda mais do prazer da literatura? Essas são algumas questões para se refletir com este trabalho.

Sobre as Identidades Surdas, estas são muito diversas, e, por isso, cada indivíduo tem uma forma de se relacionar com o mundo. Esse fato também influencia em como cada pessoa vai se conectar com a leitura e como os sentidos serão criados a partir de suas vivências e realidades.

Uma informação que vale ser ressaltada, que ocorreu nas entrevistas, é o fato de que apenas um entrevistado disse ter estudado em escola bilíngue. Ele afirma que foi motivado na escola por um professor que disse que ele era criativo, além de ter acesso às artes no colégio. Complementou ainda explicando que o professor chamava escritores para apresentar suas obras aos alunos. Tal situação se mostrou tão relevante que hoje ele é escritor e essas experiências podem ter influenciado em sua trajetória.

Apesar de termos escolas bilíngues espalhadas pelo país, as escolas inclusivas ainda estão em maior número e, por isso, é preciso pensar em estratégias para que o ensino, embora

não tenha a língua de sinais como principal norteadora, seja eficaz e convide o aluno Surdo a pensar sobre seu papel social e o instigue a conhecer melhor sobre si mesmo e o mundo que o cerca.

Consideramos também que a partir deste estudo, novas pesquisas na área podem ser desenvolvidas. É importante lembrar que a criação dos perfis analisados é bastante recente e, por isso, há a necessidade de que a pesquisa continue para que novos resultados apareçam a fim de sempre propiciarem melhores entendimentos sobre como o Surdo compreende a literatura e como as metodologias de ensino podem estar alinhadas com o conhecimento que os alunos têm atualmente.

Por fim, é válido que haja uma soma de esforços para que a educação para Surdos evolua e seja eficiente, principalmente no que diz respeito à leitura, pois sem ela, muitos conhecimentos são prejudicados e defasados. Isto se faz necessário para que não ocorra o que Pereira (2018) explica como “decodificação sem compreensão”, ou seja, é crucial que o sujeito Surdo seja o protagonista da educação quando se for pensar em como a leitura e a literatura podem ser apresentadas de forma mais clara e com sentido. Dessa forma, não só o sujeito Surdo se beneficiará dos bons resultados, mas toda a sociedade, afinal, é dever de todos prezar pela justiça e cobrar uma educação mais equânime e emancipadora para todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. F. N., FAUSTO, I. R. de S., LETA, F. R., & BRAZ, R. M. M. (2022). Bilinguismo: análise sobre o gênero textual tirinha para ensino da língua portuguesa escrita para alunos surdos em tempos de pandemia. *Rebena - Revista Brasileira De Ensino E Aprendizagem*, 3, 70–87. Recuperado de <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/27>

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CARVALHO, V. F.; CAMPELLO, A. R. SÃO A EXISTÊNCIA DE QUATORZE (14) IDENTIDADES SURDAS. *Humanidades & Inovação*, v. 14, pág. 139–152, 2022.

CASTRO JÚNIOR, G. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. In: ALMEIDA, WG., org. Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 11-26. ISBN 978-85-7455-445-7. Available from SciELO Book.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Diversidade linguística. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/diversidade-linguistica>. Acesso em: 14 fev. 2025.

FELIPE, Tanya Amara. Diferentes políticas e diferentes contextos educacionais: educação bilíngue para educandos surdos x educação bilíngue inclusiva. *Revista Espaço*, n. 49, 2018.

FORTESKI E., OLIVEIRA, S. T. de, & VALÉRIO, R. W. (2013). Prazer pela leitura: incentivo e o papel do professor. *Ágora : Revista De divulgação científica*, 18(2), 120–127. <https://doi.org/10.24302/agora.v18i2.423>

GARCIA, Maria Izabel. Movimento Social dos Surdos: interseções, atravessamentos e implicações. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GARCIA, M. I. dos S., & CABRAL R. G. (2022). Deafspace no Ciberespaço: O uso das tecnologias digitais como ciberativismo por artistas surdos. *Conversas & Controvérsias*, 9(1), e42097. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2022.1.42097>

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2024.

Disponível em:

https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 7. ed. – Brasília, DF : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.

LÖSCH, S.; RAMBO, C.A.; FERREIRA, J.de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958>

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf>. Acesso em: 13 jan.2025

NIC.BR. Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br. Disponível em: <<https://www.cgi.br/noticia/releases/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/#:~:text=do%20Cetic.br->>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Ensino/aprendizagem da leitura em Língua Portuguesa para/por adolescentes surdos. ReVEL, edição especial n. 15, 2018. [www.revel.inf.br]. Acesso em: 20 jun. 2024

PNS 2019: país tem 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência | Agência de Notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31445-pns-2019-pais-tem-17-3-milhoes-de-pessoas-com-algum-tipo-de-deficiencia>>. Acesso em: 13 jan.2025.

RODRIGUES, Carlos Henrique; SILVA, G. M. POR UMA EDUCACÃO INCLUSIVA DE SURDOS: SALA, ESCOLA OU EDUCAÇÃO BILÍNGÜE?. **Anais do I Seminário Nacional de Educação Especial/XII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, Vitória, 2010.**